

se à noção de Evolução para tentar algum alívio: a dor iria diminuindo nos sucessivos avatares, até desaparecer com a queda das Formas. Contudo: no "Evolução" não se oculta uma ponta de dor com a aspiração à liberdade; no "Contemplação" esse desprendimento do circunstante é apenas sonho; é muito triste a declaração de neutralidade em relação à Existência no "Na Mão de Deus"; e no "Lacrimae Rerum", embora o poeta esteja falando do topo dos avatares, sua atitude não é sequer impassível: retoma as inquições que, mais uma vez, ficarão sem resposta:

"É tudo, em torno a mim, dúvida e luto;
E, perdido num sonho imenso, escuto
O suspiro das coisas tenebrosas..."

O suposto final "luminoso" do segundo soneto de "Redenção" não é senão, mais uma vez, aspiração, metafísica invocada como compensação à Dor, que origina a "ânsia cruel de liberdade". E, no "Oceano Nox", se são as coisas que têm tormentos, estes mesmos serão objeto de indagação,

"Mas na imensa extensão, onde se esconde
O Inconsciente imortal, só me responde
Um bramido, um queixure, e nada mais..."

"O Que Diz a Morte" e "Com os Mortos" fecham, de fato, a coleção de sonetos. Aquele, puras e simples constatação e pregação da Morte como solução: aniquilamento do Ser para aplacar as dores da "Paixão, Dúvida e Mal"; este, lamentação da perda de pessoas amadas... até encontrar uma maneira de reencontrá-los - desprendendo-se da vida -

"Na comunhão ideal do eterno Bem."

Talvez um dos momentos a que se aplica aquela constatação de "uma lacuna sensível" "na evolução dos pensamentos do poeta" que, viros, reconheceu Antero.

O comentário de Oliveira Martins acabou sendo fundante de um ser número de textos sobre Antero e, em especial, sobre os Sonetos. A própria Carta Autobiográfica, do ano seguinte, assume muita coisa dele. Por exemplo, Antero refere-se nela ao seu livro como as anotações das fases sucessivas de sua vida intelectual e sentimental. Bom, fazer dos Sonetos uma autobiografia poética era já sua intenção confessa antes de 86, mas nisso de "fases sucessivas" (que, de resto, nesta Carta têm vários limites em comum com as divisões do livro), está bem de ver, tem a mão de Oliveira Martins.

Por outro lado, a Carta pode (e deveria) ser considerada o primeiro dos avanços no sentido de corrigir aquele viés que na organização dos Sonetos se introduziu: já vimos nela que o episódio da varredura é anterior aos primeiros sonetos, aliás faz parte de suas condições de produção; como já vimos aquela correção, feita muito santamente, à afirmação martiniana de certa ingenuidade, do poeta se pensando budista. Falta ver o trecho em que contradiz, talvez sem perceber, a leitura do amigo daquela "quarta época" do livro (74-80). Lembremo-nos que, para o crítico, aquela época se caracterizava pelo "pessimismo (...) sistemático: é uma filosofia inteira"²⁸ e que a expressão sentimental correspondente era a "ironia transcendente".²⁹ Confrontemos tal lembrança com este trecho da Carta: "Da luta que então combati, durante 5 ou 6 anos com o meu próprio pensamento e o meu próprio sentimento que me arrastavam para um pessimismo vácuo e para o desespero, dão testemunho, além de muitas poesias que depois destruí (subsistindo apenas as que Oliveira Martins publicou na sua introdução aos Sonetos) as composições que perfazem a secção 4ª (de 1874 a 1880) do meu livrinho. Conheça-as V. Exª, não preciso comentá-las"³⁰. Os grifos são meus... e creio não precisar comentá-los.

Mas o principal do viés ela tenta manter, porque este não é só martiniano; é, antes, necessidade e intenção do seu autor: dar os últimos sonetos - com o seu número engrossado por 8 sonetos desses 5 ou 6 anos anteriores - como a expressão de uma paz conseguida afinal na e pela organização de uma filosofia. Só que, decerto descontente com a explicação do amigo sobre a fonte dessa paz, Antero adianta alguma coisa do seu último escrito, Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX, onde expõe (digamos assim por hora) uma filosofia mística - "pansiquismo" - conciliadora do naturalismo com o espiritualismo. E diz a Carta: "Os últimos 21 sonetos do meu livrinho dão um reflexo desta fase final do meu espírito e representam, simbólica e sentimentalmente as minhas atuais idéias sobre o mundo e a vida humana"³¹. Para reconhecer: "É bem pouco para tão vasto assunto, mas não estava na minha mão fazer mais, nem melhor"³². E isto porque: "Fazer versos foi sempre em mim coisa perfeitamente involuntária; pelo menos ganhei com isso fazê-los sempre sinceros"³³. Ora, ele está se traindo. Se não conseguiu produzir um volume de sonetos que desse conta de suas idéias porque a poesia lhe é involuntária (enquanto os sonetos desolados trabalhoso era estancê-los), é porque então as idéias não são absolutamente sinceras, no sentido de que não representam funda convicção.

Neste ponto das reflexões, com a leitura dos Sonetos bastante presente na memória e retomando alguns dados vistos até aqui, como os motivos e a própria destruição das poesias "lúgubres", a rejeição dos sonetos violentíssimos d' "O Possesso" e os dois trechos de cartas com que abro, propriamente, o presente comentário, não constitui grande risco conjecturar as razões, da parte do poeta, da escarroteação do verdadeiro teor dos Sonetos. De tal recurso lança mão fundamentalmente na parte final do livro, correspondente a um momento em que comprime-o como nunca a necessidade de consolo: tenta autoconsolar-se querendo crer-se dono de um sistema metafísico - mas já havia se desesperado e descrido da metafísica em vários momentos. Além da tentati-

va de conjurar o demônio da Dor, esse recurso insere-se também numa atitude bastante acorde com o mentor/apóstolo/guia (cuja relação com o homem era, essencialmente e muito bem sintonizada em Schopenhauer, de piedade): deixar uma obra que possa servir de consolo às pessoas, que apresente, ao menos no seu final, uma via de salvação.

São principalmente os Sonetos que o traem, o eu lírico o trai. Tanto que ele se verá obrigado a dar satisfações, pouco mais tarde, naquela outra carta a W. Storck, sobre a "lacuna sensível" que os Sonetos acusariam. Estas satisfações, vi-mo-las, entregar o ouro de vez.

Em 11 de setembro de 1891, mais ou menos às 20 horas, Antero senta-se num banco de jardim junto ao muro do convento Esperança, largo São Francisco, na sua ilha de São Miguel, e dá um tiro na boca, - não há dúvidas quanto a sua determinação - dá um segundo tiro. Vive ainda aproximadamente uma hora.

Este gesto, como observa Eduardo Lourenço, chamará grande atenção sobre sua figura e, entre perplexidade e escândalo, sua biografia passará a ser uma das mais conhecidas do mundo literário português: enquanto sua obra o resgata entre os suicidas anônimos - estamos ainda com E.L. -, impossível não repensá-la à luz deste gesto.

É certo que, pelo menos aquela paz, búdica ou não, dos últimos sonetos e das Tendências... terá que ser revista.

Não o fará Oliveira Martins. Ao contrário, atribuirá causas bastante concretas para o suicídio: as condições climáticas da ilha e/ou (?) os dramas amorosos do poeta. Sua resposta ao telegrama de Eça, que estava em Paris: "Morrer era-lhe uma obsessão. Matou-o principalmente o clima enervante de São Miguel que estonteia os mais fleumáticos. No meio desta aflição consola-me sequer a idéia de que não morreu vítima de nenhuma dificuldade maior: nem dinheiro, nem doença, nem mulher. Nada. Matou-o a sua imaginação exacerbada pelo capacete de azote da sua ilha. Era uma tentação antiga: duas vezes o desarme, e uma no instante em que se ia matar. E então havia um motivo mulher..."³⁴. No In Memoriam - onde foi a vez do médico Souza Martins incorporar a transação de Antero com o clima, à sua nosografia - seu discurso aparecerá mais bem cuidado e o juízo, mudado: "E mais que tudo: mais que as revoluções falhadas, mais que os poetas aniquilados, mais que tudo foram seus amores, uma vez ceifados pela morte, outras vezes pela mesquinhez mulheril, que lhe arrastaram a vida, cortada de paixões várias, para a sombra tépida do tédio e daí para a solução frígida do nada"³⁵. O próprio Fidelino de Figueiredo assumiu a fala um tanto apressada do amigo e o trabalho do médico. Depois de exemplificar, da correspondência do poeta com seis alusões ao clima, narra este episódio: "Parece ter sido cruelmente violenta a batalha derradeira entre os dois inconciliáveis adversários: no dia do suicídio (...) o ar esteve quase saturado de humidade e a pressão do céu plúmbeo subiu a 780 mm (...) E a atmosfera negra, tendo por fim abatido o seu inimigo, reposou da sua fúria: O higrômetro desceu logo para 50 cc. e o barômetro para 75 mm"³⁶. As informações me-

teológicas colheu-as no nosografia de Souza Martins que, por sua vez, tê-las-ia obtido com José Bensaude, com quem Antero passara seus últimos dias.).

O dado do suicídio fora afastado da leitura da obra do poeta e o texto de Oliveira Martins, com ou sem umas poucas retificações da Carta Autobiográfica, foi o manual de leitura dos Sonetos por 50 anos.

Outro leitor desse "manual", Fernando Sabóia de Medeiros³⁷, se não assume as explicações martinianas do suicídio, assume, por outro lado, inteiramente esse estágio da leitura dos Sonetos. Lê-os como uma trajetória de crise de dúvida e incerteza pela perda da unidade espiritual, luta entre reflexão e dúvida até a vitória final daquela (cita "Na Mão de Deus"), ou "império da paz sobre o tormento"³⁸ (cita "Redenção"). Até que "Nova destruição do equilíbrio é a melhor explicação do suicídio em São Miguel"³⁹.

O caminho para uma quebra nessa tradição da leitura dos Sonetos começara a ser trilhado por Joaquim de Carvalho, descobrindo, no livro de 86, deslocamentos de alguns sonetos em relação à sua verdadeira ordem cronológica. Só ficou realmente conhecido esse caminho a partir de 1942, quando Álvaro Júlio da Costa Pimpão - depois de adiantar alguma coisa num artigo do ano anterior, "Antero de Quental e Baudelaire", onde também "profetiza": "Há que se tê-la em conta (refere-se à influência de Baudelaire) na edição crítica dos seus Sonetos de que, sem dúvida, no ano próximo em que comemora o primeiro centenário do nascimento do Poeta, alguém se encarregará" - lança o livro Antero. O Livro dos Sonetos.

Enquanto isso aqui no Brasil, Fidelino de Figueiredo, decerto ignorante em relação às novas descobertas, faz uma série de 4 conferências promovidas pelo Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, para a ocasião do centenário. Juntaram-se a estas conferências os artigos escritos para jornais e compôs-se o livro citado. Volto agora a visitá-lo, mui brevemente, para dar mais uma medida dos malefícios de O. Martins: frequentes vêzes a momentos de lucidez seguem-se outros de erbotamento, à sombra desse crítico: se Fidelino diverge de O.M. na leitura do "quarto livro", como não poderia mais ser diferente, assume, por outro lado, inteiramente a idéia de unidade cíclica dos Sonetos e, se observa que Antero não atingira "aquela suprema fase de desdém pela vida"⁴⁰, assume também o fechamento do livro com o "antegoso do repouso eterno do coração na mão de Deus"⁴¹. E por fim, ao momento importante de reconhecimento do soneto anteriano como crepuscular - expressão da dor do "presentimento de que se fecha o mundo daquela ovante alvorada da Renascença, da qual o liberalismo político e o positivismo filosófico candidamente se creram o intrasponível ponto de chegada"⁴² - sobrevém quase imediatamente a inconseqüência de, apoiando-se no trecho do ensaio de O.M. que afirma ter sido "serena, plácida" [sic!]⁴³ a vida de Antero, dar a sua dor como "iraginéria"⁴⁴.

A primeira grande ruptura com essas leituras tradicionais dos Sonetos acontece em 1943 quando Antonio Sérgio lança as Obras de Antero de Quental, cujo volume 1, dedicado aos Sonetos, teve várias edições a partir de 62 pela "Coleção Clássicos Sá da Costa", ficando então conhecido como a edição dos Sonetos organizada, prefaciada e anotada por Antonio Sérgio. Retorna neste livro, que traz inclusive a na íntegra o ensaio de Oliveira Martins, sua tese da coexistência de dois Anteros - que chamou o "luminoso" e o "nocturno" - agora incorporando o argumento novo da ordenação cronológica falsificada na edição dita definitiva, quebrando, assim, a noção de unidade cíclica da coletânea, no sentido que lhe dera o seu organizador e, de certa forma, avalisara o próprio Antero. Porém - como espero fique claro durante a visita, sempre muito breve, ao corentário de Antonio Sérgio (com a qual não pretendo, claro, esgotar-lhe o conteúdo) -, romper com o texto que introduziu os Sonetos não significou, ainda, romper com a verdadeira tradição das suas leituras oficiais: a sua otimistização (ou otimistificação?), o medo (por que seria?) de reconhecer-lhes a verdadeira atração: os tons do mais desolado pessimismo, único filho do descontentamento com uma certa Ordem e da frustração na busca de uma Outra.

Na "Nota Preliminar", Antonio Sérgio (falando de Antero e obra em geral) reapresenta sua tese, defendendo-a de ataques que viera sofrendo e dando informações biográficas do poeta açoriano. Fica clara nesta reapresentação dos dois Anteros a sua opção pelo "luminoso" em detrimento do "nocturno": seguindo a tendência luminosa, timbrada pela aspiração racionalista do pensador, "veremos alguém que se concentra e libra na embriaguez de alvorada do entendimento claro, no tónico atractivo do resplendor do Sol, no autodomínio, na consciência plena; Alguém que se eleva e que se guia sempre pelo anseio viril de estruturação interna, de rigor diáfano do pensamento, de arquitectura sólida do carácter. É um vôo másculo, é um hino à luz; é o Antero filósofo e reformador social; e o Antero apóstolo e reformador do futuro, o servidor da Justiça, o batalhador pelo Bem"⁴⁵. Se, porém, atentamos para a tendência nocturna, "fruto tóxico do temperamento mórbido do homem"⁴⁶, "ouviremos a elegia das tristezas fúnebres, a do sonho, da noite, da subversão, da morte, do lento suicídio do ser mental, da dissolução e perda da actividade do espírito nos subterrâneos lúgubres do inconsciente"⁴⁷. Não era preciso explicitar, logo em seguida, que a sua explicação para este fenómeno é a doença de Antero. Com caracterizar a atitude do primeiro como másculo e viril, sobra, para o pobre "irmão das vestes negras", a histeria do diagnóstico de Charcot. Parece esquecer-se - ele que se lembra que "Despondency" foi escrito aos 22 anos do poeta - que Antero não foi sempre doente, fosse qual fosse sua doença, que (para pegar um momento bem másculo) à época que andou esurrando um gigante lusitano nas mesmas "terras impossíveis do Porto", palco do duelo com Ramalho - uma das consequências da sua decisão de tomar para si o corando de uma geração para reabilitar A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais -, mesmo e exatamente nessa época, Antero compôs, por exemplo, a "Sepultura Romântica", à beira mar, em que o eu lírico quer enterrar seu coração

"Até que se desfaça e, já tornado
Em impalpável pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar..."

Com suas lutas, seu cansado anseio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
Desse infecundo, desse arrango mar!"

Os julgamentos de valor sobre as duas "tendências" são muito recorrentes ao longo de todo o livro, nos depararemos mais vezes com eles: ainda na "Nota Preliminar" reaparecem na comparação delas com as correntes de água do Tejo e do Mar: "a corrente de parda cor do rio é a imagem do sentimento negativo e mórbido (...) e a límpida água vítreo-azul do mar é a imagem da actitude racional e apostólica, afirmativa e mística"⁴⁸. Mais do que a preferência por uma das atitudes, revela-se em A.S. a incompreensão da relação que elas guardam entre si. Ele identifica a direção a seguir... mas toma o bonde errado: embora, ao falar da atitude "luminosa", fale sempre em aspiração, anseio, esforço, etc., não tira disto as devidas conclusões, sejam: que atitude depressiva é consequência mesra daquela outra, ou do desejo frustrado; não uma extravagância paralela; que é o estado resultante da interdição daquele "vão másculo", por falta de Espaço... e por lhe quebrarem as asas; enfim que a outra atitude não é senão tentativa, teimosamente sempre renovada, até o desprendimento final.

Acontece que o grande ensaísta - que se revela deísta ao falar da "atrapalhação" que foi o hegelianismo na jornada doutrinal de Antero - tem que, de alguma forma, concluir pela vitória final do "luminoso". Estando rompendo explicitamente com Oliveira Martins, o jeito é aferrar-se, como fará na apresentação dos "ciclos", ao argumento da ordenação cronológica falsificada e fechar, como Joaquim de Carvalho e Pimpão, a doutrina anterioriana com as "Solemnia Verba". A separação espírito (pensador racional) x corpo (homem doente), contra cuja banalidade insurgir-se-á Eduardo Lourenço, possibilita-lhe traçar a trajetória de uma doutrina mística otimista, a despeito da produção, coetânea, mórbida do pessimista; a despeito inclusive do suicídio, que continua banido da interpretação da obra anterioriana (neste texto também pelo combate insistente das interpretações biografistas da obra literária).

Ora, se atentarmos bem, mesmo os trechos da correspondência do poeta em que A.S. se apóia para sustentar sua tese, veremos que atestar, pelo menos naquele momento, a vitória inevitável do "nocturno" sobre o esforço "luminoso"; como nesta passagem por exemplo: "tenho um verdadeiro interesse, penso, sinto: mas como que é o outro ser que em mim critica, que em mim discute, o verdadeiro eu, a consciência, o coração, estão desolados"⁴⁹. E que a serratória destas vitórias momentâneas do pessimista é bem maior que a das outras (se é que existem), pode provar a grande discrepância entre o número de sonetos de um e de outro teor (se é que se pode falar nisso), reconhecida pelo próprio A.S.⁵⁰ que, só por puritanismo excessivo, sustenta que nenhuma das duas "tendências" sobressai-se à outra. Mas ele quererá, talvez, afirmar

mais, queria demonstrar sobressair-se a "luminosa"; não sendo possível, a sua estratégia consiste em invalidar a outra (esta vai ficar sendo, sempre, propriedade do "resto"; à "cabeça" corresponderá a "luminosa" - para usar mais uma de suas dicotomias).

Vejaros com ele encerra esta "Nota Preliminar": Lê as "Tendências Gerais..." como uma "doutrina de optimismo cósmico". De novo ele se perde logo depois de ter achado o caminho, porque, depois da "sacada" de definir a atividade de Antero na composição desse escrito como "uma tentativa de definir para si próprio um sistema de idéias morais-filosóficas, e de lograr valer-se de tal sistema para erigir um dique que lhe defendesse o espírito contra o oceano amarríssimo do pessimismo"⁵¹, depois disso vai citar alguns trechos "otimistas" do texto para se espantar com uma contradição entre eles e um outro, onde o autor fala na "transição do ser para o não-ser, que equivale, quanto cabe na realidade, à plenitude e perfeição do ser"⁵². Espanta-se com essa pregação da transição do ser para o não-ser (lembremos que ser, enquanto conceito de máxima abstração, é uma categoria tão absoluta que compreende também a sua negação, o não-ser, no princípio da dialética de Hegel) principalmente pela incongruência de uma apologia do não-ser como "a coroa de uma doutrina de optimismo cósmico"⁵³. A explicação de A.S. para tal "desvio" é "bem fácil": iguala esta contradição a uma outra, encontrada numa carta a Santos Valente, em que o poeta grafa Realidade com maiúscula, referindo-se ao circunstante. Assim, explicando uma, explica as duas, da seguinte forma: "Para ele (...) a Realidade não pode ser o incompleto e o ilusório: porém, tal desvio do teórico e do metafísico tem para todo psicólogo explicação bem fácil no próprio instinto de unificação do íntimo - digo no instinto de harmonização mental que nos leva a buscar a coerência lógica e que fazia com que o Antero do optimismo cósmico se esforçasse por assimilar e justificar para si mesmo aquele triste companheiro das vestes negras"⁵⁴. Sem entrar no mérito do segundo "desvio" e da "explicação psicológica" (para não dar muitas voltas), fácil é ver que nada há de espantoso na dissolução do "eu limitado" no "Não-ser (...) o Ser único absoluto" se não se exagerar: no hegelianismo em Antero por essa data - embora tenha sido o ponto de partida de suas elocubrações -; e no seu otimismo, cósmico ou não. Eduardo Lourenço, sintomaticamente tomando mais ou menos o mesmo trecho "otimista" das "Tendências..." destacado por A.S., nota que à primeira vista causaria espanto associá-lo ao poeta suicidado poucos anos depois, mas que, atentando-se para a verdadeira natureza da prosa anterior, essa impressão se desfaz. Diz E.L. no seu ensaio: "Plus que les Idées que y sont véhiculées - idées souvent empruntées à d'autres, parfois avec trop de sérieux, mais jamais acceptées sans combat - ce qui importe dans sa Prose, c'est le mouvement profond qui les intègre à l'inquiétude et à l'aspiration d'une conscience déchirée et avide d'harmonie, d'unité et de vérité"⁵⁵. É na verdade o mesmo movimento contorcido dos Sonetos, não existe convicção de filósofo nem em sua prosa, "Il s'agit d'une prose poétique, dans la mesure où elle est optimative, où elle exprime un 'souhait', un 'devoir-être', une aspiration, et non une affirmation comme la véritable discours philosophique"⁵⁶. Retornando e concluindo, se A.S. entrevira o ca-

minho no correço de sua reflexão sobre a última atividade criadora de Antero, perde-se depois e inverte o sentido do esforço do poeta, que passa a ser o de assimilar e justificar a sua tendência "nocturna". Na verdade, o esforço é, aqui e sempre, no sentido de não cair no desespero de uma visão corrosiva da Realidade, para a qual converge o pensamento na segunda metade do século XIX, visão de que Schopenhauer não é o descobridor, mas o grande organizador de um discurso acerca. Este esforço, canalizou-o algures o poeta até para a tentativa de mudar a própria realidade (sua militância política nas duas modalidades: ideação e ação). Nesta batalha incansável, na inexorável derrota, está a gênese da mais célebre contradição anteriana.

A sua ferosa divisão dos Sonetos em ciclos ("no sentido não cronológico, e sim no que na história das belas-lettras se costuma atribuir a tal palavra"⁵⁷), apresenta-a na "Advertência" ao primeiro deles, que acaba por não ter qualquer comentário específico; apenas, nas "Anotações", algumas indicações: de onde apareceram originariamente alguns daqueles sonetos, e de eventuais mudanças na sua forma. Fora isso, só um destaque para a musicalidade de "Sonho Oriental" e um comentário mais extenso sobre a beleza de "Idílio": os mesmo dois sonetos luminosos e coloridos que O.M. destacou no seu segundo "período". No verdadeiro conteúdo destas "Advertências" e "Anotações" poderos ouvir ecos da "Nota Preliminar" e encontrar mais alguns índices que podem confirmar a tese da otimistização dos Sonetos. É aqui que ele apresenta a teoria de Antero da poesia lírica comentando-a, em seguida, dando ênfase ao esforço consciente na produção artística. (Isto é realmente aspecto daquela teoria, só que muito mais próximo de Poe e Baudelaire do que de Valéry, diferentemente do que quer o ensaísta: o trabalho intelectual à partir e em cima da emoção sentida, não independentemente dela). Daí é que vai dialogar diretamente com O.M., criticando sua classificação de dois pontos de vista: 1 - do crítico, porque não há 5 fases de evolução no poeta, mas sempre a coexistência de 2 Anteros: "a face do sentimento pessimista espontâneo, inspirado pela realidade imediata e lúgubre (doença, ambiente pátrio, etc., etc) e a do esforço mental do filósofo e místico, que procura subordinar o sentimento mórbido a uma teoria da existência espiritualista e válida"⁵⁸; e 2 - do factual, porque "não poucos sonetos não foram escritos naqueles mesmos períodos que a edição de '86 os colocou"⁵⁹. A crítica é toda ela muito correta, menos pela forma como é apresentada. Na sua segunda parte, a estas alturas, ela já não nos interessa (até porque está apenas aproveitando a popularização dessa descoberta de Joaquim de Carvalho), a não ser talvez para registrar que ele próprio irá se enganar ao dar "Pequenina", "Quinze Anos" e "Idílio" como estando no 2º período, quando estão no 1º; e "Nirvana" no 5º, quando está no 4º (neste último caso dá para se identificar as razões do engano: v. pg, 17 do presente comentário). Já a primeira parte da crítica, claro sem esquecer o avanço que representa em relação às leituras privilegiadas dos Sonetos, esta nos interessa aqui sobretudo pelo que há de indicativo no lugar onde aparece e na sua formulação: Seguindo a uma apologia do esforço intelectual na produção artística, a divisão dos Sonetos segundo duas vertentes, a do "sentimento espontâneo" (pessimista) e a do "esforço mental" (que deserboca nuna teoria válida), não suscita dúvidas quan-

to à sua função: supervalorizar a porção dos Sonetos dita luminosa, renegando toda a produção "nocturna". Antonio Sérgio está pegando agora por outro lado, do valor artístico das composições, para seguir na sua apologia dos sonetos "otimistas".

Mas vejamos ainda a disposição em que os oito ciclos aparecerem apresentados. Parece claro que há aí um cálculo e, em havendo, atrelado à intenção/preferência do grande crítico. Embora não dividam os Sonetos segundo exatamente sua ordem cronológica, os temas aparecem ordenados de forma a guardarem uma certa relação com as consagradas fases da vida de Antero, aquelas identificadas na Carta Autobiográfica. Assim, o primeiro ciclo, "Da Expressão Lírica do Amor Paixão", está relacionado com a juventude do poeta (a inspiração dos Raios de Extinta Luz e das Primaveras Românticas) e contém somente sonetos compostos antes de 66; o 2º, "Do Apostolado Social", relaciona-se com parte da temática das Odes Modernas (e portanto do 3º período martiniano, contendo inclusive somente sonetos desses anos); o 3º, "Do Sentimento Pessimista", como era forçoso, tem sonetos de todas as tais épocas, mas aparece na seqüência e lugar da "secção 4ª do meu livrinho", ao mesmo tempo que é o seu tema característico, conforme no-la apresentou a Carta; segue acompanhando este 3º, o 4º, "Do Desejo de Evasão", e o 5º (um desdobramento do anterior), "Da Morte", ciclo "em que - faz questão de dizer A.S. já na apresentação sumária - o sentimento pessimista do grande enfermo se manifesta pelo desejo e "elogio" da morte"⁶⁰ (o grifo é meu); os 3 últimos ciclos, "Do Pensamento de Deus", "Da Metafísica" e "Da 'Voz Interior' e Do Amor Puro, Serpiterno'", têm em comum serem todos temas de especulação filosófica, o que, é ponto pacífico entre todos os críticos, exegetas e historiadores da vida e obra anteriores até então, foi a última atividade a que se dedicou Antero no seu retiro, excetuando-se a formação da Liga Patriótica do Norte na ocasião do "Ultimatum" inglês. Uma vista de olhos por alguns dos ciclos permitirá arrumar melhor estas idéias, e complementar a argumentação.

No ciclo "Do Apostolado Social", há várias e extensas "Anotações" acerca dos sonetos. Há, além das costumeiras indicações de datas e lugar de aparecimento deles, considerações filosóficas e correntários, muitos justos, sobre a musicalidade de alguns. Mas A.S. ou não percebeu ou abafou a melodia do "Hino à Razão" - fecho também neste ciclo, como já o fora na 3ª época de O.M. -: cântico triste de uma interpelação emocionada à Razão

("Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz dum coração que te apetece,
Dura alma livre, só a ti submissa.")

que sustenta o mundo enquanto compele o horror a bater-se, indefinidamente, por ela

("Por ti, na arena trágica, as nações

Buscam a liberdade entre clarões;
E os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti, podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o seu nome escrito em seus escudos!").

Na verdade, transformou-o numa tese luminosa ao fazer corresponder-lhe, como "antíte-se nocturna", o poema "A Fada Negra".

"Do Sentimento Pessimista" traz, na "Advertência", mais 2 grandes momentos de lucidez. A.S. observa: que os sonetos agrupados nesse tema são os melhores representantes da teoria anterior da poesia lírica; e que, se o pessimismo enquanto doutrina surgiu por volta de 74 e foi superado na fase final das especulações de A.Q., o sentimento pessimista sempre acompanhou o poeta, da juventude ao suicídio. Só que a primeira observação ele "explica", de saída, pelo acaso: "Acaso nos poemas do presente ciclo é que mais puro se nos dá o mais puro 'nú' da emoção, e que mais ao soneto, por conseguinte, compete o papel que lhe prescreveu Antero naquela sua teoria sobre a expressão do lirismo com que veio à público aos 19 anos, antes de se tornar sonetista de idéias"⁶¹. Este sonetista de idéias é o Antero da "cabeça" que vai passar pela doutrina do pessimismo superando-a, e chegar no final à doutrina do "Amor Puro, Sempiterno" cuja melhor expressão são as "Solemia Verba"; e quem produziu esses sonetos pessimistas que se distribuem ao longo de 25 anos de poesia é o Antero do "resto", o temperamental, sensível: eis a "explicação" para a segunda. Mas há mais: A.S. transcreve justamente aqui aquele trecho da carta a W. Storck com que abro esta minha reflexão; mas só para explicar aquele "fenômeno" lá referido pela sua distinção de 2 Anteros: ou seja, reforça com mais esse argumento a sua distinção cabeça x resto (ou espírito x corpo) e para por aí. Ora, esse "fenômeno" é o grande gerador da famosa contradição de Antero, "ce mélange insolite d'Idéalisme militant et de Pessimisme qui le caractérise" - como a definirá Eduardo Lourenço⁶² -, e sua explicação mais profunda é aquela a que já chegamos, com este, à propósito da prosa anterior: que não existe uma convicção de pensador no nosso "sonetista de idéias". Há sempre, nos Sonetos com mais razão mas não só neles, aspiração de poeta; e esse tal sonetista de idéias ou o Antero luminoso, etc. é, num certo sentido, uma fraude, exatamente como o era aquela evolução cíclica dos pensamentos do poeta, no livro de 86. O que isto quer dizer? Que não há nenhum acaso no fato de os poemas "Do Sentimento Pessimista" (que não são só esses sonetos) serem os mais belos representantes da teoria anterior da expressão lírica, e que não há nenhum fenômeno no fato de eles serem abundantes e espontâneos enquanto os outros chegam a ser forçados.

Poder-se-ia retomar aqui aquelas reflexões sobre a participação de Antero na organização dos Sonetos para, também sem grandes riscos, concluir que a tal tendência luminosa não existe senão em função daquela necessidade/intenção do poeta:

tentar conjurar a Dor buscando alguma espécie de refúgio/evitar contaminar alguém com seu pessimismo, pelo contrário, procurar apresentar saídas.

Selecionando os sonetos que comporiam o 7º ciclo, "Da Metafísica", o nosso crítico, espiritualista, depara-se, provavelmente horrorizado, com os 2 de "Espiritualismo". Detona então (nas "Anotações") toda a carga que preparara, aproveitando o serviço começado por Pimpão: "nem sempre os sonetos anteriores significam opiniões ou atitudes do autor, senão que constituem, algumas vezes, em sentidas representações de determinadas doutrinas, ocorrendo por isso concepções opostas, teses e antíteses"⁶³. Dessa forma, "Espiritualismo" ficou sendo uma tese ("a qual unicamente poderia convir ao temperamento nocturno do Antero enfermo"⁶⁴) à qual se seguem as antíteses ("que o Antero apolíneo invariavelmente seguiu"⁶⁵): "Oceano Nox" e "Contemplação" (este bem mais "luminoso" que aquele), prelúdios da grande alvorada da "Redenção", o fecho d'ouiro deste penúltimo ciclo. (O argumento da não existência de evolução cronológica em Antero permite-lhe também essa arrurração "chapante" - na verdade tais sonetos foram compostos nesta ordem: "Espiritualismo", "Contemplação", "Redenção" e "Oceano Nox".) "Redenção" ficou sendo o fecho, no campo da metafísica, da doutrina anterior. A.S., assumindo com toda a seriedade o valor filosófico das "Tendências...", quer ver neste soneto a "feição poética" da "doutrina ontológica" que lê se "expos". Interessante que em "À Virgem Santíssima", "Transcendentalismo", "Elogio da Morte" e "Na Mão de Deus", os escandalosamente deslocados por Martins, A.S. opõe-se à sua leitura não vendo neles nenhuma paz, nem afirmação do Absoluto, sequer uma espera racional pela Morte, mas só desespero, negação violenta do circunstante e, sempre, desejo de evasão; e não vê exatamente a mesma coisa aqui ("Redenção"): afirmação da positividade da Dor, um verdadeiro atestado de sofrimento na prisão do mundo das formas

("Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmãs da minha, almas cativas!")

no 1º soneto, seguindo-se uma aspiração, desejo de refúgio, manifesto poético da Necessidade Metafísica, no segundo

("Vereis as Formas, filhas da Ilusão,
Cair desfeitas, como um sonho vão...
E acabará por fim vosso tormento.")

Na composição do seu "grand-finale", A.S. precisou montar o último ciclo com 2 terras, para conseguir "quorum" de meia dúzia de sonetos (até solidão e fobia do envelhecimento renderiam mais). Até para tentar evitar contradizer sua tese da

não evolução cronológica da doutrina de A.Q., vai buscar 2 sonetos "luminosos" lê dos anos 60-62, "A Flórido Teles" e "A Alberto Sarpaio"; ao mesmo tempo resigna-se a incluir os desolados "Ad Amicos" e "Com os Mortos": Isso para sustentar a "Voz Interior" e as "Solemia Verba", fecho deste derradeiro ciclo, um dos últimos produzidos e que, segundo o crítico, "doutrinalmente é o poema-fecho no domínio da ética"⁶⁶. Porém, também a "Voz Interior" não parece ser portadora de nenhuma convicção de pensar filosófico, pois que, racionalmente ("meu pensar tumultuoso"), patenteia uma visão absolutamente corrosiva da Condição até o último terceto onde o "coração" aparece como o único lugar da provável existência do Bem; e vejamos se não é, antes, o exercício de uma liberdade solitária, sempre incerta e insegura, ou, antes ainda, o desejo de uma libertação, a sede do "coração" teimoso, pelo Bem?

"Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem!"

O mesmo coração que

"Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,"

consegue, nas "Solemia Verba", ainda levantar-se, estoicamente, e responder:

"Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor".

(Não houvesse agora um risco maior, diria que este soneto é um daqueles feitos "sob encomenda", como sobretudo o trecho da carta a Wilhelm Storck permite suspeitar que houve, tanto este último terceto destoa de toda a Obra anterior)

O correntário de Antonio Sérgio, enquanto atualização da crítica sobre Antero, passou então a ser a nova grande fonte de correntários não só dos Sonetos, mas de toda a vida e obra do poeta. Só para se ter uma medida, naquela que Eduardo Lourenço chamou, reparemos nos dois adjetivos, "la plus connue et la plus percutante de nos histoires de la Littérature"⁶⁷, de A. J. Saraiva e Óscar Lopes, não só encontramos a sua aprovação explícita na última parte do capítulo sobre A.Q., "Os Sonetos" ("a sua ordenação exacta confirma a interpretação proposta por Antonio Sérgio, de uma

permanente coexistência de dois Anteros"⁶⁸), como ouvimo-lo ecoar durante a primeira parte, "Biografia e drama espiritual de Antero". Por exemplo, assumem os historiadores que a fase pessimista, tendo se iniciado por volta de 74, começa a findar-se a partir de 80, quando então começaria a evoluir para sua derradeira forma a doutrina filosófica de Antero. Tal os deixa meio sem pedal para narrar o episódio do suicídio que acaba ficando, laconicamente, por conta de acontecimentos fortuitos: "desencadeiam-se incompatibilidades caseiras e, com elas, com toda uma série de factores imponderáveis, agrava-se de súbito o mal-estar físico e psíquico. Mata-se a 11 de setembro de 1891. Era a falência, como armadura moral, da tão apregoada doutrina mística..."⁶⁹ (refere-se às "Tendências...").

Isso até o texto de Eduardo Lourenço, que rompe realmente com as leituras da Tradição contra que bateu-se Antero com diversas armas e que, vencendo-o, persegue ainda sua memória... há 100 anos. "Ce que les uns et les autres veulent, dans leurs recherches, semble assez clair"⁷⁰.

Desse texto, pouco ou nada já me resta falar; não só pelas intervenções diretas que ele fez ao longo desta reflexão, mas também e principalmente porque sua leitura acha-se aqui diluída, sendo ele o próprio mote deste comentário, ao mesmo tempo que, depois dos Sonetos, é o principal lugar da minha argumentação: meu trabalho aqui pouco mais foi que o de aduzir-lhe à tese provas, e de identificar as principais passagens da crítica com que ele "dialoga" (i.e. rebate) no mais das vezes sem identificar.

Sem perder de vista a universalidade do grande problema colocado pelo poeta ("Il y a dans la question qu'Antero a posée à la Vie - ou que la Vie pose à tout le monde - quelque chose que nous ne pouvons pas renvoyer purement et simplement à l'absurdité historique qui l'entourait"⁷¹), o autor de O Labirinto da Saudade, sabe-dor de que a própria percepção da Condição é mediada pelo contexto histórico-sócio-cultural em que o indivíduo se acha imerso, insere esta questão numa preocupação mais imediata: o grau de consciência do mal-estar da existência social portuguesa, que Antero foi um dos primeiros a reconhecer, e poucos o acompanharam até hoje ("le fait capital n'est pas celui du malaise lui-même - que d'autres contextes historiques connaissent aussi bien que le nôtre - mais le fait qu'il ne se reconnaît comme tel que dans la tête et dans le coeur d'une minorité intellectuelle"⁷²).

Mais não tenho para dizer sobre este comentário - aquilo em que nós discordamos (que de resto pode ser percebido na minha leitura dos Sonetos) não releva explicitá-lo dentro do âmbito da preocupação deste ensaio -, leia-se-o! É um belo texto que, guardadas as proporções, como os sonetos anteriores, também sob nosso "ciel de peuple officiellement heureux", pode catarsizar, pela sua dimensão de Tragédia, a Dor da "conscience malheureuse".

Limeira, 1986.

NOTAS

1. Sobre o corentário enquanto procedimento de controle do discurso, in A ordem do discurso. Publ. int. FIDENE-IJUI, 1973. p. 3. Trad. Sírio Possenti.
2. QUENTAL, A.T. de. Os sonetos completos de Anthero de Quental. Porto, Portuense, 1890. 2. ed. p. 7.
3. MEDEIROS, F.S. de. Anthero de Quental (técnica e inspiração de seus sonetos). Rio de Janeiro, A Noite, 1938. p. 332.
4. Citado por Antonio Sérgio in QUENTAL, A.T. de. Sonetos. Lisboa, Sé da Costa, 1972. 4. ed. p. 76-7.
5. QUENTAL, A.T. de. Poesia e prosa. São Paulo, Cultrix, 1974. p. 138.
6. _____. Os sonetos completos de Anthero de Quental. op. cit. p. 12.
7. idem. p. 16.
8. idem. ibidem.
9. idem. p. 17.
10. PIMPÃO, A.J. da C. "Antero de Quental e Baudelaire" e "Antero Filósofo da Santidade" in Gente grada. Coimbra, Atlântida, 1952.
11. QUENTAL, A.T. de. Poesia e prosa. op. cit. p. 131.
12. _____. Os sonetos completos de Anthero de Quental. op. cit. p. 19.
13. idem. p. 21.
14. idem. ibidem.
15. ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d. livro I p. 45.
16. QUENTAL, A.T. de. Poesia e prosa. op. cit. p. 132.
17. _____. Os sonetos completos de Anthero de Quental. op. cit. p. 23.

18. idem. ibidem.
19. idem. ibidem.
20. idem. p. 24.
21. idem. p. 25.
22. _____. Sonetos. op. cit. p. 127.
23. _____. Os sonetos completos de Anthero de Quental. op. cit. p. 29.
24. idem. p. 33.
25. idem. ibidem.
26. _____. Poesia e prosa. op. cit. p. 138.
27. LOURENÇO, E. Poesia e Metafísica. Lisboa, Sá da Costa, 1983. p. 143.
28. QUENTAL, A.T. de. Os sonetos completos de Anthero de Quental. op. cit. p. 23.
29. idem. ibidem.
30. _____. Poesia e prosa. op. cit. p. 136.
31. idem. p. 138.
32. idem. ibidem.
33. idem. ibidem.
34. Citado por Fidelino de Figueiredo in _____. Anthero. São Paulo, Depto. Municipal de Cultura, 1942. p. 16.
35. idem. p. 34.
36. idem. p. 40.
37. op. cit.
38. idem. p. 21.

39. idem. ibidem.
40. FIGUEIREDO, F. de . op. cit. p. 43.
41. idem. p. 88.
42. idem. p. 85.
43. QUENTAL, A.T. de. Os sonetos completos de Anthero de Quental. op. cit. p. 15.
44. FIGUEIREDO, F. de. op. cit. p. 87.
45. QUENTAL, A.T. de. Sonetos. op. cit. p. XVIII.
46. idem. p. XVII/XVIII.
47. idem. p. XVIII.
48. idem. ibidem.
49. idem. p. XXVI.
50. idem. p. XXVII.
51. idem. p. L.
52. idem. p. LVII.
53. idem. p. LVIII.
54. idem. p. LIX.
55. LOURENÇO, E. op. cit. p. 135.
56. idem. p. 139.
57. QUENTAL, A.T. de. Sonetos. op. cit. p. 11.
58. idem. ibidem.
59. idem. ibidem.

60. idem. p. 12.
61. idem. p. 75.
62. LOURENÇO, E. op. cit. p. 123.
63. QUENTAL, A.T. de. Sonetos. op. cit. p. 222.
64. idem. p. 225.
65. idem. ibidem.
66. idem. p. 250.
67. LOURENÇO, E. op. cit. p. 119.
68. SARAIVA, A.J. e LOPES, O. História da literatura portuguesa. Porto, Porto Editora, 1975. 8. ed. p. 934.
69. idem. p. 923.
70. LOURENÇO, E. op. cit. p. 125.
71. idem. p. 143.
72. idem. p. 127.